INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ARTE,
CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)

MEDIAÇÃO CULTURAL – ARTES E LETRAS

MEMÓRIA E MUSEU DO IMIGRANTE EM FOZ DO IGUAÇU

LYDA MILENA MEDINA CAPERA

Foz do Iguaçu
2025

Versão Final Homologada
26/08/2025 15:02

INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ARTE, CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)

MEDIAÇÃO CULTURAL – ARTES E LETRAS

MEMÓRIA E MUSEU DO IMIGRANTE EM FOZ DO IGUAÇU

LYDA MILENA MEDINA CAPERA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Mediação Cultural – Artes e Letras.

Orientadora: Prof.ª Laura Janaina Dias Amato

Foz do Iguaçu
2025

Versão Final Homologada
26/08/2025 15:02

LYDA MILENA MEDINA CAPERA

MEMÓRIA E MUSEU DO IMIGRANTE EM FOZ DO IGUAÇU

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Mediação Cultural – Artes e Letras.

BANCA EXAMINADORA

_____
Orientadora: Prof.ª Laura Janaina Dias Amato
UNILA

_____
Prof. Dr. Aníbal Orué Pozzo
UNILA

_____
Prof. Dra. Giane da Silva Mariano Lessa
UNILA

Foz do Iguaçu, 05 de agosto de 2025.

Versão Final Homologada
26/08/2025 15:02

Dedico este trabalho ao matriarcado da minha vida, liderado pela minha avó Maria Odilia Rodríguez (in memoriam), minha mãe Fabiola Capera Rodríguez, minhas tias Marlen, Patricia, Ana, Nibeyi e Gladys e minha irmã Dahiana, que tem trilhado este caminho comigo.

Versão Final Homologada
26/08/2025 15:02

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha orientadora, a professora Laura Janaina Dias Amato, por aceitar este desafio e me guiar com cuidado e paciência; às histórias migrantes que me acompanharam e orientaram nesta pesquisa, começando pela minha própria. À professora e reitora Diana Araujo Pereira, por ser referência em todos os aspectos da minha vida. Aos meus amigos e amigas que continuam presentes, mesmo que de forma virtual, e àqueles que conheci em Foz do Iguaçu, a maioria na UNILA, pessoas que hoje considero família. Em especial, agradeço ao meu amigo Hamilton Perez Sanchez, que compartilhou seu sonho comigo ao me mostrar esta oportunidade de continuar minha formação acadêmica e profissional, mesmo que estivesse longe da nossa terra natal.

Versão Final Homologada
26/08/2025 15:02

RESUMO

Este trabalho analisa a relação entre migração, memória e produção cultural em Foz do Iguaçu, destacando a relevância da criação de um Museu da Migração como espaço de mediação cultural e valorização de narrativas plurais. O objetivo geral consiste em compreender como a preservação e a visibilidade das memórias migrantes podem fortalecer o pertencimento e o diálogo intercultural na Tríplice Fronteira. A metodologia adotada se baseou em revisão bibliográfica e análise documental, com ênfase em autores que tratam de migração, identidade, memória e museologia social, além da observação de iniciativas culturais locais que evidenciam a pluralidade da cidade. Os resultados demonstraram que Foz do Iguaçu é um território de encontros constantes, onde a migração não apenas modifica as práticas sociais, mas também reconfigura identidades coletivas e individuais. Constatou-se que, apesar da diversidade presente na cidade, ainda existem lacunas na preservação e valorização das memórias migrantes, o que reforça a necessidade de um espaço cultural específico para acolher essas narrativas. A pesquisa demonstra que um Museu da Migração poderia atuar como agente ativo de transformação social, promovendo a educação patrimonial, estimulando o reconhecimento das diferentes trajetórias e fortalecendo os vínculos entre memórias individuais e coletivas. Além disso, conclui se que a criação de um museu voltado à temática migratória contribuiria para combater estereótipos, dar visibilidade às histórias silenciadas e ampliar o acesso da população a experiências culturais que dialoguem com a realidade multicultural de Foz do Iguaçu.

Palavras-chave: Cultura; Memória; Migração; Museu; Tríplice Fronteira.

Versão Final Homologada
26/08/2025 15:02

RESUMEN

Este trabajo analiza la relación entre migración, memoria y producción cultural en Foz do Iguaçu, destacando la relevancia de un Museo de la Migración como espacio para la mediación cultural y la valoración de narrativas plurales. El objetivo general es comprender cómo la preservación y la visibilidad de las memorias migrantes pueden fortalecer la pertenencia y el diálogo intercultural en la Triple Frontera. La metodología adoptada se basó en una revisión bibliográfica y un análisis documental, con énfasis en autores que abordan la migración, la identidad, la memoria y la museología social, además de observar iniciativas culturales locales que resaltan la pluralidad de la ciudad. Los resultados demostraron que Foz do Iguaçu es un territorio de encuentros constantes, donde la migración no solo transforma las prácticas sociales, sino que también reconfigura las identidades colectivas e individuales. Se constató que, a pesar de la diversidad de la ciudad, persisten brechas en la preservación y valoración de las memorias migrantes, lo que refuerza la necesidad de un espacio cultural específico para albergar estas narrativas. La investigación demuestra que un Museo de la Migración podría actuar como un agente activo de transformación social, promoviendo la educación patrimonial, fomentando el reconocimiento de trayectorias diversas y fortaleciendo los vínculos entre las memorias individuales y colectivas. Además, se concluye que la creación de un museo dedicado a la migración ayudaría a combatir estereotipos, visibilizar historias silenciadas y ampliar el acceso de la población a experiencias culturales que conectan con la realidad multicultural de Foz do Iguaçu.

Palabras clave: Cultura; Memoria; Migración; Museo; Triple Frontera.

Versão Final Homologada
26/08/2025 15:02

ABSTRACT

This work analyzes the relationship between migration, memory, and cultural production in Foz do Iguaçu, highlighting the relevance of a Migration Museum as a space for cultural mediation and the appreciation of plural narratives. The overall objective is to understand how the preservation and visibility of migrant memories can strengthen belonging and intercultural dialogue in the Triple Frontier. The methodology adopted was based on a bibliographic review and documentary analysis, with an emphasis on authors who address migration, identity, memory, and social museology, in addition to observing local cultural initiatives that highlight the city's plurality. The results demonstrated that Foz do Iguaçu is a territory of constant encounters, where migration not only changes social practices but also reconfigures collective and individual identities. It was found that, despite the city's diversity, gaps remain in the preservation and appreciation of migrant memories, which reinforces the need for a specific cultural space to accommodate these narratives. The research demonstrates that a Migration Museum could act as an active agent of social transformation, promoting heritage education, encouraging recognition of diverse trajectories, and strengthening the links between individual and collective memories. Furthermore, it concludes that the creation of a museum dedicated to migration would help combat stereotypes, give visibility to silenced stories, and expand the population’s access to cultural experiences that engage with the multicultural reality of Foz do Iguaçu.

Key words: Culture; Memory; Migration; Museum; Triple Frontier.

Versão Final Homologada
26/08/2025 15:02

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ICOM	International Council of Museums
PR	Paraná
UNILA	Universidade Federal da Integração Latino-Americana

Versão Final Homologada
26/08/2025 15:02

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO12
2 FOZ DO IGUAÇU E MIGRAÇÃO14
2.1 HISTÓRIA DE FOZ DO IGUAÇU: ORIGEM DO NOME E PRIMEIROS REGISTROS15
2.2 PERÍODO DAS PRIMEIRAS EXPEDIÇÕES EUROPEIAS (SÉCULO XVI)**16**
2.3 PERÍODO DA COLÔNIA MILITAR E A CRIAÇÃO DO PARQUE NACIONAL**18**
2.4 EMANCIPAÇÃO POLÍTICA E TRANSFORMAÇÕES NO SÉCULO XX**19**
2.5 TRÍPLICE FRONTEIRA E DESENVOLVIMENTO MODERNO**20**
2.6 OS GRANDES CICLOS MIGRATÓRIOS: MIGRAÇÃO INTERNA E INTERNACIONAL**21**
3 MEMÓRIA É MUSEU23
3.1 MUSEUS DE MIGRAÇÃO**26**
3.2 FOZ DO IGUAÇU COMO TERRITÓRIO DE MEMÓRIAS MIGRANTES**30**
4 ACERVO É PRODUÇÃO32
4.1 MEMÓRIA VIVA: O MUSEU COMO ESPAÇO DE PRODUÇÃO E DIÁLOGO**32**
4.2 FOZ DO IGUAÇU E A DINÂMICA FRONTEIRIÇA: MIGRAÇÃO, CULTURA E COTIDIANO**35**
4.3 A UNILA COMO POLO DE MIGRAÇÃO EDUCACIONAL E TRANSFORMAÇÃO CULTURAL**36**
4.4 PRODUÇÃO CULTURAL E DESAFIOS NA CIDADE**38**
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS41
REFERÊNCIAS43

Versão Final Homologada
26/08/2025 15:02

1 INTRODUÇÃO

Foz do Iguaçu carrega uma trajetória histórica marcada por diferentes ciclos migratórios: desde as primeiras expedições europeias, passando pelas fases de colonização militar, emancipação política e, mais recentemente, pela consolidação como polo turístico e econômico da América do Sul. Hoje, a cidade abriga comunidades árabes, paraguaias, argentinas, haitianas, colombianas e muitas outras, que contribuem para uma diversidade cultural visível na gastronomia, na linguagem, nas festividades e no cotidiano urbano. Apesar dessa pluralidade, ainda são escassos os espaços que preservam e visibilizam as memórias migrantes, reconhecendo sua importância na formação cultural e social da região.

Nesse contexto, a problemática central que orienta este estudo é: como um Museu da Migração em Foz do Iguaçu poderia contribuir para visibilizar as narrativas migrantes, preservar as memórias individuais e coletivas e promover o diálogo intercultural na Tríplice Fronteira?

A hipótese que guia este trabalho é que a criação de um museu voltado à migração pode funcionar como um espaço vivo de memória e produção cultural, articulando histórias individuais e coletivas e fortalecendo o pertencimento em uma cidade marcada por fluxos migratórios constantes. Além disso, ao atuar como mediador cultural, um museu desse tipo contribuiria para combater estereótipos e promover a cidadania cultural crítica.

O objetivo geral deste trabalho é analisar como a migração, a memória e a produção cultural se relacionam em Foz do Iguaçu, refletindo sobre a relevância de um Museu da Migração para valorizar as trajetórias migrantes e potencializar o diálogo intercultural na cidade. Como objetivos específicos, busca-se: compreender o contexto histórico de Foz do Iguaçu e os principais ciclos migratórios que moldaram a cidade; discutir o papel dos museus como espaços de memória viva e mediação cultural, com ênfase nos museus de migração; analisar as dinâmicas culturais e migratórias atuais na Tríplice Fronteira, considerando iniciativas locais e desafios da produção cultural; e por fim, refletir sobre as potencialidades e impactos de um Museus da Migração em Foz do Iguaçu.

A justificativa para esta pesquisa está intimamente ligada à minha própria trajetória como migrante e estudante na cidade. Sou colombiana e, como migrante, experimentei de forma direta os desafios e as transformações que envolvem a mobilidade

Versão Final Homologada
26/08/2025 15:02

humana. Quando cheguei a Foz do Iguaçu para realizar minha formação acadêmica, percebi que a cidade, situada na Tríplice Fronteira, é um território de encontros e trocas culturais intensas, no qual a migração está presente de forma cotidiana. Esses territórios nos transformam e, ao mesmo tempo, nós também os transformamos, deixando marcas sociais, culturais e afetivas que passam a compor a identidade local.

Essa vivência pessoal me levou a refletir sobre como as histórias de quem chega e de quem permanece podem ser narradas e valorizadas, especialmente em espaços culturais e educativos como os museus. Ao viver a experiência de chegar a um território tão diverso, compreendi que a migração vai muito além de um simples deslocamento físico: ela envolve processos complexos de identidade, pertencimento, adaptação e, sobretudo, produção cultural. No entanto, muitas dessas histórias permanecem invisíveis ou são contadas apenas de forma fragmentada, sem alcançar o devido reconhecimento social e histórico.

Um Museu da Migração poderia se tornar um espaço estratégico para dar voz a essas experiências, sensibilizar o público e criar pontes entre memórias individuais e coletivas. Ele funcionaria como mediador cultural, possibilitando o diálogo entre diferentes grupos e narrativas, fortalecendo o sentimento de pertencimento e valorizando a pluralidade que caracteriza a cidade. Dessa forma, o presente trabalho busca contribuir para ampliar a compreensão sobre a migração como um fenômeno histórico, social e cultural que marca profundamente Foz do Iguaçu, evidenciando a relevância de políticas e espaços voltados para o acolhimento e a preservação das memórias migrantes.

Por fim, o trabalho está estruturado em três capítulos. O primeiro capítulo apresenta a história de Foz do Iguaçu e analisa os diferentes períodos e ciclos migratórios que contribuíram para a formação da cidade. O segundo capítulo discute a relação entre memória e museu, refletindo sobre o papel dos museus de migração como espaços de diálogo e mediação cultural. Já o terceiro capítulo aproxima a discussão do contexto atual de Foz do Iguaçu, analisando a dinâmica fronteiriça, a influência da UNILA como polo de migração educacional, a produção cultural local e os desafios para a criação de um Museu da Migração.

Versão Final Homologada
26/08/2025 15:02

2 FOZ DO IGUAÇU E MIGRAÇÃO

O presente capítulo propõe uma análise a respeito da formação histórica, social e cultural do município de Foz do Iguaçu – PR, destacando os principais marcos que moldaram sua identidade ao longo do tempo. Assim sendo, de início é abordado sobre os primeiros registros históricos e a origem do nome, que reflete sua característica geográfica.

O capítulo prossegue abordando o período das primeiras expedições europeias no século XVI, destacando a importância estratégica da região para as coroas ibéricas. A instalação da Colônia Militar do Iguaçu em 1889 representou um marco na consolidação da presença brasileira na fronteira sul, visando assegurar a soberania nacional e promover o desenvolvimento local. Essa iniciativa atraiu moradores civis e incentivou a formação de núcleos populacionais estruturados, que posteriormente deram origem ao município de Foz do Iguaçu. Paralelamente, a criação do Parque Nacional do Iguaçu em 1939, instituído pelo governo brasileiro, teve como objetivo primordial proteger a biodiversidade única da região e suas emblemáticas cataratas, estabelecendo um marco para a conservação ambiental e o turismo sustentável no país.

A emancipação política de Foz do Iguaçu em 1914 marcou o início de uma nova fase de autonomia administrativa e política, permitindo a organização local de políticas públicas e o desenvolvimento de infraestrutura para atender às demandas de uma população crescente. Durante as primeiras décadas do século XX, a cidade esteve diretamente envolvida em importantes eventos políticos nacionais, como a Revolução de 1924, na qual serviu como refúgio estratégico e rota de passagem para combatentes. Além disso, a proximidade com a tríplice fronteira Brasil-Argentina-Paraguai tornou Foz do Iguaçu um ponto de interesse estratégico durante a Segunda Guerra Mundial, sendo utilizada para atividades de vigilância e controle das fronteiras.

O capítulo também explora o desenvolvimento moderno da região, enfatizando a formação da Tríplice Fronteira entre Brasil, Argentina e Paraguai. A construção das pontes internacionais, como a Ponte da Amizade e a Ponte Tancredo Neves, facilitou a integração econômica e social entre os países. A implantação da Usina Hidrelétrica de Itaipu, um marco de desenvolvimento energético e urbano, impulsionou o crescimento populacional e a urbanização de Foz do Iguaçu. A cidade também se integrou economicamente com *Ciudad del Este*, no Paraguai, fortalecendo sua posição como um importante centro comercial e turístico na região.

Versão Final Homologada
26/08/2025 15:02

O capítulo finaliza abordando os grandes ciclos migratórios que moldaram a diversidade cultural e social de Foz do Iguaçu. A cidade recebeu fluxos migratórios internos e internacionais. Esses grupos contribuíram para a formação de uma sociedade multicultural, com impactos significativos na economia local, especialmente no comércio. A presença de diferentes comunidades étnicas também influenciou a dinâmica social e cultural da cidade, tornando-a um exemplo de convivência e integração entre diversos povos.

2.1 HISTÓRIA DE FOZ DO IGUAÇU: ORIGEM DO NOME E PRIMEIROS REGISTROS

A origem de Foz do Iguaçu está intrinsecamente relacionada com a presença indígena, e as primeiras expedições europeias, bem como a importância da confluência dos rios Iguaçu e Paraná.

O nome Foz do Iguaçu é uma combinação de termos da língua portuguesa e do idioma guarani, sendo que “Foz” refere-se ao local onde um rio deságua em outro ou no mar, enquanto “Iguaçu” deriva de “*y*” (água) e “*guasu*” (grande) no guarani, significando “água grande” ou “rio caudaloso”. Logo, verifica-se que essa nomenclatura diz respeito as características geográficas da região, onde o Rio Iguaçu deságua no Rio Paraná formando as vultuosas Cataratas do Iguaçu.

No que diz respeito aos primeiros registros históricos da região, estes datam o ano de 1542, quando o explorador espanhol Álvar Núnez de Vaca, em uma expedição rumo a Assunção, no Paraguai, percorreu o Rio Iguaçu e se deparou com as majestosas quedas d’água, as quais denominou de “Saltos de Santa Maria” (Da Cruz, 2024).

A esse respeito, Da Silva (2014, p. 17) diz que: “Álvar Núñez Cabeza de Vaca, em 1541, ao chegar às cataratas e ver a queda […] olhou para aquela queda e disse: “Santa Maria Mãe de Deus, quanta água!”. Esse foi o primeiro encontro entre o homem branco e o então chamado rio Iguaçu”.

Ainda que esse episódio seja frequentemente relatado, é importante reconhecer que a história da região é mais antiga e complexa. Isso porque, os povos indígenas, especificamente os Guarani, já habitavam essas terras, atribuindo às cataratas significados espirituais e simbólicos, expressos na lenda de Naipi e Tarobá. Para De Martins (2023), essa lenda ilustra a cosmovisão guarani e expressa a complexa relação

Versão Final Homologada
26/08/2025 15:02

espiritual que esses povos mantêm com a natureza.

Segundo a lenda:

> Naipi era uma jovem indígena de rara beleza, prometida em sacrifício ao deus M'Boi, uma entidade representada por uma grande serpente. O ritual de entrega da jovem ao deus fazia parte dos costumes da tribo para manter a harmonia com as forças da natureza. No entanto, Tarobá, um jovem guerreiro pertencente à mesma aldeia, apaixonou-se por Naipi e, movido por esse amor, decidiu desafiá-lo.
> Na véspera do sacrifício, Tarobá ajudou Naipi a fugir em uma canoa pelo Rio Iguaçu. Enfurecido com a desobediência, o deus M'Boi afundou o leito do rio, criando um abismo gigantesco, as atuais Cataratas do Iguaçu, para separar os amantes eternamente. Como punição, transformou Naipi em uma rocha voltada para as quedas e Tarobá em uma palmeira solitária à beira do abismo, condenado a contemplar a amada sem jamais poder tocá-la (Guedes, 2021, pág.7).

Martins e Ruschmann (2010) explicam que essa lenda transcende uma simples narrativa de amor e resistência, funcionando como uma explicação mítica para a formação das cataratas e evidenciando a sacralidade que os povos originários conferem aos elementos naturais. Ademais, reforça a importância de reconhecer e respeitar a herança cultural indígena presente na região.

Da Silva (2014) destaca que essa tradição popular está incorporada na própria configuração urbana de Foz do Iguaçu. No centro da cidade, as ruas Tarobá e Naipi correm paralelas, sem se cruzarem, simbolizando a separação eterna dos amantes. Já a rua M’Bouycy, situada em outro bairro, remete ao deus serpente M’Boi, cujo nome é comumente encontrado em estabelecimentos comerciais, evidenciando a presença contínua da cultura guarani na cidade.

Dessa forma, a história de Foz do Iguaçu deve ser compreendida como um tecido cultural formado tanto pela presença indígena originária, com suas cosmovisões e mitologias, quanto pelos primeiros registros europeus que documentaram e nomearam suas características geográficas. Essa dualidade ressalta a complexidade e riqueza histórica da região, que ultrapassa a simples narrativa da exploração colonial, reconhecendo a profunda relação espiritual e cultural entre os povos e a natureza.

2.2 PERÍODO DAS PRIMEIRAS EXPEDIÇÕES EUROPEIAS (SÉCULO XVI)

O período conhecido como Sociedade de Exploração em Foz do Iguaçu caracteriza-se pelas primeiras atividades econômicas desenvolvidas na região, marcadas principalmente pela extração dos recursos naturais, em especial a erva-mate e a madeira.

Versão Final Homologada
26/08/2025 15:02

Essa fase está situada entre os séculos XVII e XIX, quando a ocupação europeia se intensificou com o objetivo de explorar economicamente o território e seus recursos abundantes.

A esse respeito, Martins e Ruschmann (2013) nos explicam que Foz do Iguaçu foi colonizada bastante depois do descobrimento do Brasil, que aconteceu em 1500. Na verdade, a cidade só foi fundada no começo do século XX, mais precisamente em 14 de março de 1914. Desde então, a população da cidade cresceu consideravelmente, ficando bastante compactada em relação ao tamanho do município.

A erva-mate (*Ilex paraguariensis*), planta nativa da região sul do Brasil, ganhou destaque como um dos principais produtos de exploração devido ao seu valor comercial e cultural. Segundo Da Silva (2014), a extração da erva-mate constituiu uma das primeiras bases econômicas sustentadas na região, mobilizando um contingente significativo de trabalhadores especializados para a coleta e o preparo da planta para a comercialização.

> A ocupação da área aconteceu de uma maneira bastante desorganizada e precária, com a cidade de Guarapuava sendo a principal região de expansão. Nesse período, as pessoas que ocupavam a região se dedicavam principalmente à colheita da erva-mate e ao corte descontrolado das árvores nas grandes fazendas. Não havia um desejo de estabelecer-se de forma definitiva na região, já que esse tipo de exploração destrutiva obrigava os trabalhadores a se mudarem várias vezes, sempre procurando novas áreas para trabalhar (Martins; Ruschmann, 2010, p. 3).

Paralelamente à erva-mate, a exploração da madeira representou uma atividade econômica fundamental para a região, não apenas para o abastecimento local, mas também para a exportação. A densa floresta subtropical que cercava o Rio Iguaçu fornecia uma grande diversidade de espécies valiosas para a construção, comércio e fabricação de carvão vegetal. A extração madeireira, no entanto, foi marcada pela devastação ambiental e por relações de trabalho precárias, refletindo as dinâmicas econômicas coloniais (Martins; Ruschmann, 2010).

Essas atividades econômicas foram sustentadas por um grupo de trabalhadores conhecidos regionalmente como obrageiros e mensus. Segundo Priori et al. (2012), os mensus eram trabalhadores rurais especializados na coleta e preparo da erva-mate, exercendo um papel central na cadeia produtiva da planta. Já os obrageiros tinham a função de supervisionar os processos de extração e beneficiamento da erva, além de organizar o trabalho dos mensus, que eram os coletores responsáveis pela colheita

Versão Final Homologada
26/08/2025 15:02

propriamente dita.

Essas categorias formavam um sistema complexo de trabalho que combinava aspectos de mão de obra assalariada, trabalho temporário e práticas de servidão (DA SILVA, 2014). De acordo com Cararo (2020), o modelo de organização do trabalho na sociedade de exploração da região evidenciava relações sociais marcadas por hierarquias rígidas e pela exploração intensiva dos recursos naturais, refletindo as dinâmicas típicas das fronteiras coloniais brasileiras.

Assim, o período da Sociedade de Exploração em Foz do Iguaçu representa uma fase importante para compreender as bases econômicas e sociais da região, evidenciando a importância da erva-mate e da madeira para o desenvolvimento inicial e os impactos socioambientais decorrentes dessa forma de ocupação. Além disso, destaca a relevância dos trabalhadores especializados, cuja contribuição foi essencial para o estabelecimento dessas atividades produtivas.

2.3 PERÍODO DA COLÔNIA MILITAR E A CRIAÇÃO DO PARQUE NACIONAL

O Período da Colônia Militar em Foz do Iguaçu representa uma etapa significativa no processo de consolidação da presença estatal na região, caracterizada pela instalação de unidades militares com o objetivo de garantir a soberania territorial brasileira nas fronteiras do sul do país. Essa etapa teve início no final do século XIX, em um contexto de disputas territoriais entre Brasil, Argentina e Paraguai, especialmente após a Guerra do Paraguai (1864–1870), que destacou a importância estratégica da região para a defesa nacional (Carvalho, 2015).

A instalação da Colônia Militar do Iguaçu ocorreu oficialmente em 1889, como parte de uma estratégia do governo brasileiro para ocupar e proteger áreas fronteiriças vulneráveis. A presença militar visava a defesa territorial, e também o estímulo à colonização e ao desenvolvimento local (Brügmann, 2025). Segundo Soares e Massáfera (2020), a Colônia Militar perdurou até 1912, período durante o qual foram construídas infraestruturas básicas e estabelecidos os primeiros núcleos populacionais que dariam origem ao município de Foz do Iguaçu.

A presença dos militares também teve impacto direto na organização socioeconômica local, pois além da presença de militares, passou a atrair moradores civis, incentivando a formação de núcleos populacionais estruturados. De acordo com Ritt (2020), essa intervenção militar foi uma ferramenta para assegurar o controle sobre um

Versão Final Homologada
26/08/2025 15:02

território ainda pouco povoado e marcado por conflitos, além de promover a abertura de caminhos e infraestrutura básica para o desenvolvimento regional.

Paralelamente a esse processo, destacou-se a criação do Parque Nacional do Iguaçu em 1939, instituído pelo governo brasileiro com a finalidade primordial de proteger a biodiversidade única da região e suas emblemáticas Cataratas do Iguaçu, conforme explicado por Sanabria (2023). A autora ressalta que, o parque é reconhecido como uma das primeiras unidades de conservação ambiental do Brasil, estabelecendo um marco para a conservação ambiental e o turismo sustentável no país.

Albach, De Carvalho e Cardozo (2022) complementam que, o Parque Nacional do Iguaçu possui uma importância ambiental significativa, abrigando uma extensa área de Mata Atlântica remanescente, com fauna e flora de elevado valor ecológico e científico. Além da preservação dos recursos naturais, o parque tornou-se um importante atrativo turístico, contribuindo para o desenvolvimento econômico local por meio do ecoturismo e da geração de emprego e renda na região.

Assim, o período da Colônia Militar, aliado à criação do Parque Nacional, representa uma fase decisiva para a afirmação da presença brasileira na fronteira sul, bem como para a valorização e proteção do patrimônio natural das Cataratas do Iguaçu. A integração entre aspectos militares, sociais e ambientais marca um momento histórico que projetou a região no cenário nacional e internacional.

2.4 EMANCIPAÇÃO POLÍTICA E TRANSFORMAÇÕES NO SÉCULO XX

A emancipação política de Foz do Iguaçu representa um marco fundamental na consolidação da autonomia administrativa e política do município em relação ao Estado do Paraná. Emancipada oficialmente em 10 de outubro de 1914, a cidade passou a contar com um governo próprio, o que possibilitou a organização local de políticas públicas e o desenvolvimento de infraestrutura para atender às demandas de uma população crescente (Da Silva, 2014).

Durante as primeiras décadas do século XX, Foz do Iguaçu também esteve diretamente envolvida em importantes eventos políticos nacionais, refletindo as tensões e conflitos da época. Um exemplo emblemático é a participação de revolucionários locais na Revolução de 1924, um movimento que ocorreu principalmente em São Paulo e buscava reformas políticas e sociais, frente à República Velha. Ainda que distante do epicentro das lutas, a região de Foz do Iguaçu serviu como refúgio estratégico

Versão Final Homologada
26/08/2025 15:02

e rota de passagem para combatentes, evidenciando a inserção da cidade no contexto político nacional (Paro, 2016).

Além disso, o município foi impactado pelas repercussões da Segunda Guerra Mundial (1939-1945). De acordo com Tavares e Madruga (2023), a proximidade de Foz do Iguaçu com a tríplice fronteira Brasil-Argentina-Paraguai a tornou um ponto de interesse estratégico durante o conflito. A região foi utilizada para atividades de vigilância e controle das fronteiras, prevenindo a infiltração de agentes estrangeiros e o contrabando. Ademais, a guerra influenciou a economia local, que passou por adaptações para suprir demandas internas, e provocou transformações sociais devido à mobilização de recursos e da população em apoio ao esforço de guerra.

Esses acontecimentos políticos e históricos, somados à emancipação, contribuíram para moldar a identidade de Foz do Iguaçu no século XX, transformando-a em uma cidade que alia uma rica história de resistência e participação política com uma posição geográfica estratégica e um crescente desenvolvimento econômico e social.

2.5 TRÍPLICE FRONTEIRA E DESENVOLVIMENTO MODERNO

O período contemporâneo de Foz do Iguaçu é marcado pela formação da Tríplice Fronteira, região geográfica e política onde convergem os territórios do Brasil, Argentina e Paraguai. Essa confluência trinacional criou um espaço singular de integração econômica, cultural e social, que influencia diretamente o desenvolvimento da cidade e das regiões vizinhas (FURTADO; MARCHI, 2023)).

Segundo Mascarenhas (2022), um dos principais elementos para essa integração foram as obras de infraestrutura que ligaram formalmente os países da tríplice fronteira. Destacam-se, nesse contexto, a construção da Ponte da Amizade (inaugurada em 1965), que conecta Foz do Iguaçu a *Ciudad del Este*, no Paraguai, e a Ponte Tancredo Neves (inaugurada em 1991), ligando Foz do Iguaçu a Puerto Iguazú, na Argentina. Essas pontes são marcos de cooperação internacional e facilitadores do intenso fluxo comercial e turístico na região.

Outro marco fundamental para o desenvolvimento moderno da região foi a implantação da Usina Hidrelétrica de Itaipu, concluída em 1984. Reconhecida como uma das maiores usinas hidrelétricas do mundo, Itaipu teve um impacto transformador no cenário energético brasileiro e paraguaio, além de provocar significativas mudanças urbanas e econômicas em Foz do Iguaçu. A usina impulsionou o crescimento da cidade,

Versão Final Homologada
26/08/2025 15:02

atraindo investimentos, ampliando o mercado de trabalho e estimulando a modernização da infraestrutura local (STEFEN; DIAS, 2024).

Além do desenvolvimento econômico e energético, a integração com a cidade paraguaia de *Ciudad del Este* intensificou o intercâmbio cultural e comercial, consolidando a região da Tríplice Fronteira como um polo de diversidade e dinamismo social. Segundo Benites (2025), a proximidade das cidades gera uma interdependência econômica expressiva, com impactos visíveis nos setores de comércio, turismo e serviços, que contribuem para a vitalidade da economia local.

Dessa forma, o Período da Tríplice Fronteira e Desenvolvimento Moderno constitui uma fase decisiva para Foz do Iguaçu, caracterizada por uma intensa inter-relação internacional, avanços em infraestrutura e energia, e crescimento urbano, que refletem as transformações políticas e econômicas do Brasil no final do século XX e início do século XXI.

2.6 OS GRANDES CICLOS MIGRATÓRIOS: MIGRAÇÃO INTERNA E INTERNACIONAL

A cidade de Foz do Iguaçu, é constituída em sua grande parte por imigrantes, migrantes e descendentes. Historicamente, a cidade atraiu migrantes de diversas origens, contribuindo para uma sociedade multicultural e diversa (Gonzalez, 2004).

A migração interna para Foz do Iguaçu intensificou-se a partir da década de 1970, impulsionada pela construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu. Esse empreendimento demandou um grande contingente de trabalhadores, atraindo pessoas de diferentes estados brasileiros, principalmente das regiões Sul e Sudeste. Esse fluxo migratório teve papel fundamental no crescimento urbano e na transformação socioeconômica da cidade, mas também trouxe desafios significativos, como a pressão sobre os serviços públicos e a necessidade de políticas de inclusão social. A diversidade cultural resultante desses movimentos internos contribuiu para a formação de uma identidade regional marcada pelo pluralismo (Margotti; Romano, 2021).

No cenário internacional, Foz do Iguaçu é um território de constante circulação de pessoas, com destaque para a presença de migrantes provenientes da Argentina e do Paraguai. Além desses, a cidade abriga comunidades de diversos países, como Síria, Líbano, Haiti, Venezuela, Colômbia, entre outros. Essa composição plural se reflete nas práticas cotidianas, nas festas religiosas, na gastronomia e nas expressões

Versão Final Homologada
26/08/2025 15:02

culturais que enriquecem o espaço urbano e promovem uma convivência baseada no respeito e na multiplicidade de vozes (Jalil, 2020).

A presença de diferentes nacionalidades fortalece o papel de Foz do Iguaçu como um centro de convivência multicultural. A cidade se torna, assim, um ponto de encontro de diferentes mundos, onde as identidades não se anulam, mas dialogam. O convívio entre pessoas com diferentes origens compõe o tecido social e molda as formas de ser e de viver no território fronteiriço. Cada grupo contribui com suas experiências, visões de mundo e expressões simbólicas, tornando o cotidiano urbano mais diverso e representativo (Gonzalez, 2004).

Entre os grupos que compõem esse quadro heterogêneo, destacam-se comunidades de origem árabe, asiática, europeia e latino-americana, que deixaram marcas profundas na cidade. A convivência entre povos tão diversos fez de Foz do Iguaçu um espaço onde as culturas se sobrepõem e se reinventam. Essa característica se manifesta nas ruas, nos mercados, nos centros religiosos e nas celebrações populares, onde diferentes tradições encontram lugar e expressão. A cidade, nesse contexto, assume um papel simbólico de ponte entre culturas, onde a diversidade é vivida como parte essencial da identidade local (Margotti; Romano, 2021).

Foz do Iguaçu não foi formada por um único fluxo migratório, como ocorreu em outras cidades da região que seguiram projetos de colonização específicos. Seu processo de constituição social é marcado por sucessivas levas de pessoas vindas de diferentes contextos históricos e geográficos. Há quem tenha escolhido o município como destino em momentos de transformação política em países vizinhos, buscando refúgio, recomeço e liberdade. Essas histórias individuais e coletivas, atravessadas por trajetórias migrantes, integram a memória viva da cidade e evidenciam a riqueza de suas origens (Silva, 2021).

Dessa forma, os movimentos migratórios configuram a composição demográfica de Foz do Iguaçu e constituem um dos principais elementos de sua identidade. A cidade se expressa por meio das vozes múltiplas que a habitam, tornando-se um exemplo de convivência entre culturas e de construção coletiva de um território plural. Nesse sentido, Foz do Iguaçu é mais do que um ponto estratégico na fronteira: é um espaço simbólico, onde a migração é parte constitutiva da história, da cultura e da vida cotidiana.

Versão Final Homologada
26/08/2025 15:02

3 MEMÓRIA É MUSEU

O termo “museu” tem origem grega “*mouseion*”, que se referia a um local dedicado às musas, divindades na mitologia grega associadas às artes e ao conhecimento, como um “tempo das Musas” (Greco, 2009). De acordo com Vieira (2017), com o decorrer do tempo, esse conceito foi adaptado para diferentes línguas, como o latim, o francês (“*musée*”), o inglês (“*museum*”). Hoje, porém, o museu é muito mais que um vestígio linguístico da Antiguidade: ele figura como território simbólico no qual objetos deixam de ser meras utilidades e passam a funcionar como testemunhos históricos, denominados de *muselia.* Nesta condição, oferecem ao público uma experiência capaz de conectar o passado, presente e futuro através de narrativas culturalmente situadas.

O termo museu apresenta uma trajetória marcada por disputas semânticas e reinvenções institucionais. O historiador José Neves Bittencourt (1996) chama atenção para a “tensão discordante” que envolve a própria origem do conceito, visto que muitos autores rastreiam seu nascimento ao *Mouseion* ligado à célebre Biblioteca de Alexandria, enquanto outros preferem situar as raízes em coleções europeias da Idade Moderna. Ao sublinhar esse impasse, Bittencourt lembra que qualquer genealogia da palavra museu revela mais sobre o presente, que tenta explicá-la, do que sobre um passado supostamente fixo.

Gabardo (2023) explica que, na Alexandria ptolomaica o *Mouseion* funcionava como comunidade de pesquisadores abrigada sob a proteção das musas. Embora abrigasse objetos, sua vocação principal era o cultivo do saber, um híbrido de universidade, biblioteca e templo. Ainda assim, o fato de o termo latino “*museum”* derivar do grego “*mouseion”* legitima a ideia de continuidade, motivo pelo qual certos historiadores, inclusive Bittencourt (1996) defende que ali se encontra a primeira inflexão do conceito.

Do mundo helenístico às cortes europeias do século XVI, a noção de museu metamorfoseou-se em gabinetes de curiosidades, reunindo “raridades” naturais e artefatos exóticos, esses espaços pertenciam a príncipes, mercadores e eruditos, mais interessados em ostentar cosmopolitismo do que em educar o público. Catálogos como o *Musaeum Tradescantianum* (1656) anunciaram o trânsito entre coleção privada e vocabulário museal, convertendo o colecionador em mediador entre mundo natural e saber humano (Vieira, 2017).

No século XVIII, o impulso classificatório iluminista moldou uma nova

Versão Final Homologada
26/08/2025 15:02

economia do objeto. Ao serem ordenados segundo esquemas taxonômicos, exemplares de história natural, moedas, pinturas e esculturas transformaram-se em evidências da razão humana. Pomian (2003) descreve esse momento como passagem do “olhar do colecionador” ao “olhar do historiador”, pois cada peça passou a valer pelo lugar que ocupava numa sequência temporal ou científica.

A ruptura decisiva, entretanto, ocorre quando coleções antes restritas se tornam patrimônio de todos (Vieira, 2017). O *British Museum* (1753) e o *Musée du Louvre* (1793) surgem em contextos de revolução política, afirmando o direito cidadão à contemplação de bens que, até então, serviam de capital simbólico às elites. Nessa viragem, o museu deixa de ser gabinete de deleite e converte-se em aparelho pedagógico de massas alfabetizadas (Dos Santos, 2021).

Nora (1993) chama a atenção para o esse processo ao cunhar o conceito de “lugares de memória”. Isso porque, o autor considera que os museus materializam a tensão entre a memória (afetiva, coletiva, seletiva) e história (analítica e crítica). Na aceleração do tempo moderno, a sociedade recorre aos museus para ancorar identidades ameaçadas pelo esquecimento.

Entre 1830 e 1914, museus nacionais multiplicam-se na Europa e nas Américas como vitrines da história patriótica. Edifícios monumentais, rotas cronológicas e narrativas teleológicas naturalizam a noção de nação enquanto comunidade de destino. Sob tal premissa, coleções arqueológicas ou etnográficas acabaram frequentemente instrumentalizadas para legitimar projetos coloniais, fixando hierarquias de cultura e raça (Vieira, 2017).

No Brasil, o decreto de Dom João VI que cria o Museu Real (1818) inscreve-se na mesma lógica: colecionar, sistematizar e exibir “objetos dignos de observação” para afirmar a modernidade do novo Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves. Nessa instância, inaugura-se o elo entre museu, ciência imperial e construção identitária que marcará todo o século XIX (Barbatho, 2020). Décadas depois, o Museu Histórico Nacional e o remodelado Museu Paulista reforçariam a epopeia bandeirante e a narrativa da Independência como mitos fundadores (Vieira, 2017).

Com a profissionalização da museologia no século XX instituiu-se a preocupação com públicos específicos, didáticas de exposição e conservação científica de acervos (Souza, 2012). A partir da década de 1950, o Conselho Internacional de

Versão Final Homologada
26/08/2025 15:02

Museus (ICOM)[1] propôs definições sucessivas que expandiram o papel social do museu. A versão de 1956 ressaltava a conservação e o estudo; a de 2001 já incluía desenvolvimento social e deleite educacional. Tais reformulações refletem a emergência da nova museologia, que privilegia memória comunitária, participação e diálogo intercultural (Vieira, 2017).

Em 2022, após amplo processo consultivo, o ICOM aprovou nova definição enfatizando inclusão, sustentabilidade e participação das comunidades. O museu passa a ser concebido como:

> Um museu é uma instituição permanente, sem fins lucrativos e ao serviço da sociedade que pesquisa, coleciona, conserva, interpreta e expõe o patrimônio material e imaterial. Abertos ao público, acessíveis e inclusivos, os museus fomentam a diversidade e a sustentabilidade. Com a participação das comunidades, os museus funcionam e comunicam de forma ética e profissional, proporcionando experiências diversas para educação, fruição, reflexão e partilha de conhecimentos (ICOM, 2022, p. 13).

Nesse cenário renovado, Bittencourt (1996) argumenta que políticas de aquisição devem responder a demandas sociais contínuas, pois “a expectativa por novas acumulações é consistente e não pode ser interrompida”, lembrando que cada incorporação redefine o próprio conceito de museu.

Sob a ótica da Nova Museologia, Rússio (2006) defende o “fato museal” como relação transformadora entre objeto, visitante e sociedade. O museu torna-se agente de trocas simbólicas, lugar de múltiplas vozes e espaço de disputas, onde se decide o que lembrar e o que esquecer. Assim, museus contemporâneos precisam representar diversidades antes silenciadas, acolher narrativas decoloniais e dialogar com tecnologias digitais que ampliam o acesso e desafiam formas tradicionais de curadoria.

Esse deslocamento de foco, do “ter” ao “relacionar-se”, transforma o museu em agente de circulação de sentidos. As peças expostas carregam sentidos múltiplos, muitas vezes contraditórios, que dependem do repertório do visitante. Ao acolher essa polissemia, o museu abandona a autoridade única do curador erudito e assume o papel de anfitrião de vozes diversas: comunidades locais, povos indígenas, diásporas africanas, imigrantes recentes, minorias de gênero e tantos outros grupos historicamente ausentes das vitrines (Vieira, 2017).

Contudo, a pluralidade não elimina o conflito. Museus são arenas de

[1] Organização internacional de museus e profissionais de museus, dedicada à preservação, pesquisa e divulgação do patrimônio natural e cultural mundial.

Versão Final Homologada
26/08/2025 15:02

disputa onde se negocia o que merece ser lembrado e o que pode continuar esquecido. A escolha de um objeto, a narrativa de um texto de parede, a cor de uma sala ou a ordem de uma cronologia nunca são neutras: refletem relações de poder, agendas políticas e visões de mundo. A Nova Museologia reivindica transparência nesse processo, convidando o público a questionar como e por que tais escolhas foram feitas (Vieira, 2017).

Nesse sentido, as instituições contemporâneas precisam enfrentar lacunas herdadas. Expografias eurocêntricas, narrativas heroicas do Estado-nação e etnografias que exotificam “o outro” vêm sendo gradualmente revisadas. A agenda decolonial, impulsionada por movimentos sociais, propõe restituir agenciamento a grupos colonizados, valorizar epistemologias não ocidentais e recontar histórias a partir de perspectivas subalternas. Incorporar objetos patrimonializados sem consentimento ou ignorar saberes tradicionais já não é moralmente aceitável (Vieira, 2017).

Logo, mesmo nesse ambiente plural, persiste um denominador comum: ao serem musealizados, objetos convertem-se em depositários de memórias coletivas e ferramentas de interlocução social. Eles carregam, simultaneamente, a carga emotiva da lembrança e o potencial crítico da história.

A trajetória do conceito de museu, portanto, inscreve-se num movimento dialético entre conservar e questionar, educar e ser desafiado. Da Alexandria helenística aos museus digitais do século XXI, a instituição segue campo fértil para repensar passado, interpretar o presente e imaginar horizontes comuns. Concebido como “lugar de memória”, o museu não é um depósito neutro. É arena simbólica onde identidades se fabricam, se contestam e se transformam. Ao articular patrimônio material e imaterial com participação social, ele permanece essencial para refletirmos quem fomos, quem somos e quem desejamos ser.

3.1 MUSEUS DE MIGRAÇÃO

Os museus de migração desempenham um papel importante na preservação das memórias coletivas e individuais de pessoas que se deslocaram de seus territórios de origem. Esses espaços culturais funcionam como testemunhos vivos das trajetórias humanas que, por diversos motivos, como guerras, crises econômicas, perseguições políticas ou sonhos de uma vida melhor, resultaram em processos migratórios (Oliveira; Sena; Alves 2024).

Versão Final Homologada
26/08/2025 15:02

Para Spolon (2015), a migração, além de um fenômeno social e histórico, é uma vivência carregada de afetos, perdas, desafios e reconstruções. Os museus de migração buscam registrar essas experiências para que não sejam esquecidas e possam ser compreendidas pelas gerações futuras. Assim, esses espaços tornam-se pontes entre o passado e o presente, conectando histórias que moldaram sociedades inteiras. Eles contribuem para o entendimento das origens multiculturais de muitos países e fomentam a reflexão sobre identidade e pertencimento. Ao acolher as narrativas migratórias, os museus reafirmam a importância de uma memória que não apaga, mas integra. Isso amplia a noção de patrimônio cultural e promove uma museologia mais inclusiva e dialógica.

Segundo Teixeira (2022, p. 88):

> Na tradição museológica clássica, o museu era visto como um repositório estático de objetos e relíquias. Contudo, com o avanço da Nova Museologia, surgem novas perspectivas que reconhecem o museu como espaço de diálogo, transformação e participação social. Nessa abordagem contemporânea, o museu deixa de ser apenas guardião de coisas para ser lugar de pessoas e de suas vivências. No caso dos museus de migração, isso se expressa na valorização das histórias orais, documentos pessoais, fotografias e objetos cotidianos dos migrantes. Essa mudança na prática museológica permite que a exposição não apenas informe, mas emocione e provoque reflexões críticas. Os visitantes são convidados a se colocarem no lugar do outro e a reconhecerem o impacto das migrações em suas próprias histórias familiares. Com isso, amplia-se a função social do museu, tornando-o relevante para o debate público e a promoção dos direitos humanos. Os museus de migração passam a ser não apenas lugares de memória, mas também de resistência e de reconhecimento.

Segundo Balaguer (2023), as experiências migratórias são marcadas por rupturas, mas também por reconstruções. Quando um indivíduo ou uma família migra, leva muito mais do que objetos: carrega culturas, idiomas, religiões, hábitos e sonhos. Os museus de migração reconhecem esse movimento simbólico, acolhendo tanto os corpos quanto os modos de vida que se deslocam. Cada peça exposta, seja uma mala antiga ou uma carta enviada a um parente distante, tem um valor simbólico que vai além do objeto em si. Esses itens ganham sentido quando contextualizados nas trajetórias dos sujeitos que os possuíam.

Os museus de migração, portanto, tornam-se espaços onde o material e o imaterial se encontram. Essa integração entre memória e identidade transforma o museu em uma extensão das histórias de vida dos migrantes. A curadoria se preocupa em criar um ambiente sensível e respeitoso às diferentes experiências apresentadas. Em vez de impor uma narrativa única, o museu apresenta múltiplas vozes e perspectivas. Isso

Versão Final Homologada
26/08/2025 15:02

possibilita uma compreensão mais ampla e complexa dos processos migratórios.

É importante destacar que os museus de migração não são neutros nem isentos de disputas. Isso porque, eles operam em contextos sociais marcados por tensões, preconceitos e desigualdades. Por isso, esses espaços enfrentam o desafio de representar fielmente a diversidade das experiências migratórias sem reforçar estereótipos ou invisibilizar certos grupos. Muitas vezes, os museus precisam lidar com memórias traumáticas, como exílios forçados, genocídios ou escravidão. Nesses casos, o trabalho museológico exige sensibilidade e compromisso ético com as vítimas e seus descendentes (Azoulay, 2024).

Ao dar voz a essas histórias silenciadas, os museus de migração se tornam instrumentos de justiça histórica e reconhecimento. Eles ajudam a construir uma memória social mais justa e inclusiva, combatendo o esquecimento imposto pelas narrativas oficiais. Além disso, ao mostrar como os migrantes contribuíram para o desenvolvimento de diferentes regiões, os museus desconstroem discursos xenofóbicos. Assim, promovem valores como empatia, solidariedade e diversidade cultural (Azoulay, 2024).

A atuação dos museus de migração também se alinha com práticas educativas transformadoras. A esse respeito, Junior (2021, p. 50):

> Por meio de exposições interativas, visitas mediadas, oficinas culturais e rodas de conversa, esses espaços se abrem ao público escolar e comunitário. As atividades pedagógicas possibilitam que crianças, jovens e adultos compreendam os impactos sociais, culturais e econômicos da migração. Também contribuem para o desenvolvimento do respeito às diferenças e da valorização das diversas culturas que formam uma sociedade. A educação museal, nesses contextos, vai além da transmissão de conteúdos; ela busca formar sujeitos críticos e conscientes de seu papel na construção de uma sociedade plural. Os museus de migração, ao oferecer essas possibilidades, tornam-se aliados de escolas, universidades e centros culturais. Essa articulação fortalece uma rede de educação patrimonial comprometida com os direitos humanos e a cidadania. A sensibilização promovida pelos museus pode influenciar atitudes no cotidiano e até políticas públicas. Isso mostra o potencial desses espaços como agentes de transformação social.

Os acervos dos museus de migração são construídos, em muitos casos, de maneira colaborativa. Comunidades migrantes são convidadas a participar da construção das exposições, contribuindo com objetos, histórias e relatos pessoais. Esse modelo participativo rompe com a lógica vertical da museologia tradicional, em que o museólogo decide o que é relevante. Ao incluir os migrantes como sujeitos ativos no processo museológico, cria-se uma relação horizontal, baseada na escuta e no respeito (Balaguer, 2023).

Versão Final Homologada
26/08/2025 15:02

Essa forma de trabalho também fortalece os laços entre o museu e a comunidade local. Os sujeitos representados passam a se ver no museu e a reconhecer sua importância na história coletiva. Isso amplia o sentido de pertencimento e identidade, especialmente para grupos que foram historicamente marginalizados. A participação ativa das comunidades também contribui para que os museus estejam em constante atualização. As migrações não são eventos do passado; continuam ocorrendo e se transformando, e os museus devem acompanhar essa dinâmica (Balaguer, 2023).

Verifica-se que, cada museu possui uma abordagem diferente. Em Nova Iorque, o Museu da Imigração de *Ellis Island* documenta a entrada de milhões de pessoas nos Estados Unidos entre o fim do século XIX e o início do século XX (Leite Costa, 2024). As exposições mostram os desafios enfrentados pelos migrantes europeus que chegavam ao país, muitas vezes fugindo de guerras e pobreza.

Na França, o *Cité Nationale* de *l'Histoire* de *l'Immigration*, em Paris, apresenta a contribuição dos migrantes para a sociedade francesa, destacando também os conflitos e tensões gerados pela exclusão e discriminação (Escafré-Dublet, 2021).

No Brasil, o Museu da Imigração, em São Paulo, é um exemplo de como se pode integrar acervo histórico e a participação comunitária. O museu ocupa o prédio da antiga Hospedaria de Imigrantes do Brás, local que acolheu milhares de pessoas vindas de diferentes partes do mundo (Ferreira, 2024). Esses exemplos demonstram como o tema da migração pode ser trabalhado de maneira sensível e crítica.

A digitalização dos acervos e a criação de exposições virtuais têm permitido que os museus de migração alcancem públicos em diferentes partes do mundo. A tecnologia amplia o acesso às histórias migratórias e possibilita novas formas de interação com o conteúdo. Por meio de plataformas digitais, é possível ouvir depoimentos, explorar objetos em 3D, assistir a vídeos e acessar documentos históricos. Essa inovação contribui para a democratização da informação e para o fortalecimento da memória global das migrações. Além disso, os ambientes virtuais podem facilitar a participação de comunidades migrantes que vivem longe dos museus físicos. A tecnologia também pode ser usada para conectar diferentes instituições e construir redes internacionais de cooperação museológica.

Assim, a memória da migração se torna um patrimônio compartilhado e acessível. As exposições virtuais também são ferramentas educativas que podem ser utilizadas em sala de aula e em outras práticas pedagógicas. A integração entre museologia e tecnologia representa um avanço significativo na forma de preservar e

Versão Final Homologada
26/08/2025 15:02

comunicar as memórias migratórias (Cunha; Guaraldo; Perazzo, 2023).

Desta forma, verifica-se que os museus de migração erguem-se como espaços de memória viva, diálogo e transformação social, capazes de conectar experiências pretéritas às urgências do presente e às expectativas do futuro. Assim, estes locais multiplicadores de um patrimônio humano que, precisamente por não ter fronteiras, pertence a todos.

3.2 FOZ DO IGUAÇU COMO TERRITÓRIO DE MEMÓRIAS MIGRANTES

Conforme já mencionado, o território de Foz do Iguaçu é marcado por fronteiras e histórias de travessias, pois, trata-se de uma região situada na tríplice fronteira entre Brasil, Paraguai e Argentina, sendo uma cidade que acolhe pessoas de diferentes nacionalidades e guarda histórias complexas de migração, deslocamento, resistência e reinvenção. (Benites, 2025). Nesse contexto, a cidade é mais do que um espaço geográfico é um território simbólico, onde se sobrepõem múltiplas camadas de memória. De acordo com Angelo (2024), pensar a cidade como um território de memórias migrantes é reconhecer o valor histórico e afetivo dessas trajetórias e compreender que sua preservação é um dever coletivo. É nesse sentido que os museus, enquanto espaços de escuta, representação e diálogo, assumem papel essencial para que essas memórias não se percam no tempo.

Desde o século XIX, com a chegada de colonos europeus e sulistas, até os fluxos migratórios mais recentes de haitianos, venezuelanos, sírios, libaneses e africanos, a cidade foi se formando como um verdadeiro mosaico étnico-cultural. Cada povo trouxe consigo sua força de trabalho, suas línguas, suas comidas, suas crenças e suas histórias de vida. Essas experiências constituem um riquíssimo patrimônio imaterial, muitas vezes invisibilizado nas narrativas oficiais (Carvalho, 2015).

Foz do Iguaçu pode ser entendida como um museu a céu aberto, onde as culturas migrantes se expressam nas ruas, nos mercados, nas igrejas, nos restaurantes, nas feiras e nas escolas. A cidade vive cotidianamente a interculturalidade, mas ainda carece de espaços institucionais dedicados à preservação sistemática dessas histórias (Benites, 2025). Nesse sentido, a criação de um Museu da Migração em Foz, por exemplo, poderia funcionar como um espaço de encontro entre comunidades, entre o passado e o presente, entre a memória e a identidade. Um museu desse tipo não serviria apenas para exibir objetos, mas, principalmente, para dar voz às narrativas dos

Versão Final Homologada
26/08/2025 15:02

migrantes, valorizando o saber oral, os testemunhos e os acervos pessoais.

Inspirados na Nova Museologia, museus de migração têm sido pensados como lugares vivos, participativos e sensíveis às transformações sociais (Balaguer, 2023). Em vez de impor uma única narrativa, abrem espaço para múltiplas vozes e memórias compartilhadas. A diversidade cultural presente em Foz do Iguaçu, aliada à sua trajetória marcada pelo acolhimento de diferentes povos, torna a cidade um ambiente propício à implantação de um modelo museológico participativo e inclusivo. A coleta de histórias orais, a exposição de objetos do cotidiano migrante, os mapas de trajetórias, os registros fotográficos, os arquivos familiares, tudo isso pode compor um acervo vivo, dinâmico e acessível à população. A cidade tem potencial para tornar-se referência nacional em memória migrante.

Versão Final Homologada
26/08/2025 15:02

4 ACERVO É PRODUÇÃO

Neste quarto capítulo é aprofundado a reflexão sobre a memória como elemento vivo e dinâmico, evidenciando que o museu, mais do que um espaço de conservação, é um lugar de diálogo, produção e mediação cultural. Nesta parte do trabalho, busca-se conectar a discussão teórica sobre memória e museus à realidade específica de Foz do Iguaçu, cidade marcada por intensos fluxos migratórios e pela diversidade cultural que se expressa no cotidiano urbano.

De início, são apresentados os museus contemporâneos enquanto agentes que articulam o passado ao presente, criando narrativas que incorporam vozes plurais e favorecem o reconhecimento de diferentes trajetórias. Essa discussão destaca que o acervo não se limita a um conjunto de objetos estáticos é um campo em constante construção, moldado pelas experiências e pelos significados atribuídos pelos sujeitos que o vivenciam.

Em seguida, é abordado o contexto singular da Tríplice Fronteira, onde a mobilidade humana se torna parte constitutiva do espaço urbano. São discutidas as múltiplas presenças culturais, as práticas sociais que atravessam as fronteiras e os impactos dessa convivência intercultural na identidade da cidade, evidenciando como a migração transforma e ressignifica o território.

Após, é analisado o papel da Universidade Federal da Integração Latino-Americana como agente de circulação e integração cultural. Destaca-se como a presença de estudantes nacionais e internacionais contribui para ampliar a pluralidade linguística, cultural e social de Foz do Iguaçu, impactando tanto o ambiente acadêmico quanto as redes de sociabilidade e produção cultural da cidade.

Por fim, reflete-se sobre as iniciativas culturais locais, as limitações estruturais e institucionais que ainda restringem seu alcance e o potencial transformador da arte no contexto urbano. Discute-se como um museu voltado para a temática migratória poderia dialogar com essas iniciativas, tornando-se um espaço de articulação entre as memórias do passado e as expressões culturais do presente.

4.1 MEMÓRIA VIVA: O MUSEU COMO ESPAÇO DE PRODUÇÃO E DIÁLOGO

Quando se pensa em memória, muitas vezes se associa a ideia de um

Versão Final Homologada
26/08/2025 15:02

passado cristalizado, fixo, quase imutável. Mas falar de memória em termos únicos e unívocos pode gerar tensões, devido à diversidade de enfoques e processos envolvidos. A memória não é apenas uma faculdade ou capacidade de recordar fatos ou experiências, também implica a construção social e narrativa das lembranças, na qual participam emoções, contextos sociais e culturais, e disputas sobre sua legitimidade e verdade. A memória pode ser entendida como um processo em construção, onde se entrelaçam recordações, esquecimentos, relatos, silêncios e gestos, e que está inevitavelmente ligado tanto ao indivíduo quanto às dinâmicas sociais e coletivas.

Por isso, distinguir entre memórias individuais e memórias coletivas é essencial para compreender como se constroem, se mantêm e se disputam os relatos sobre o passado, quem participa dessas construções e como estas afetam as identidades e as lutas sociais por reconhecimento e justiça. (Jelin 2001).

A relação entre a memória individual e a memória coletiva é de negociação e complementaridade. A memória coletiva, estruturada por pontos de referência comuns como monumentos, tradições e personagens históricos, busca fortalecer a coesão social e o sentimento de pertencimento ao grupo. Por outro lado, ela também depende das memórias individuais, que podem ser seletivas, e das negociações que acontecem entre elas para construir uma memória compartilhada. Para Pollak (1989), essa construção envolve um processo de consenso e ajuste, onde as memórias pessoais contribuem para a formação, manutenção e, às vezes, contestação da memória coletiva, evidenciando a complexidade dessa relação.

Entretanto, no contexto museológico contemporâneo, essa concepção se torna insuficiente. Segundo Molina e Da Luz (2018), O museu é mais do que um repositório estático de objetos ou narrativas históricas é um espaço vivo, que articula o passado ao presente e projeta significados para o futuro. A memória, nesse sentido, é dinâmica, constantemente recriada pelas pessoas que a experienciam. Ela circula, é reinterpretada e adquire novos sentidos à medida que é colocada em diálogo com diferentes culturas, sujeitos e tempos históricos.

Ao atuar nesse campo, o museu assume uma função que vai além da preservação material. Ele se torna um mediador cultural, capaz de produzir encontros e tensionar percepções. Especialmente em contextos urbanos marcados por fluxos migratórios, o museu pode oferecer uma plataforma de reconhecimento, valorizando histórias que muitas vezes são marginalizadas. Ao expor narrativas de comunidades migrantes, por exemplo, ele contribui para a desconstrução de estereótipos e para a

Versão Final Homologada
26/08/2025 15:02

criação de novas formas de pertencimento. Assim, o acervo não é apenas acumulado; ele é produzido continuamente, incorporando vozes e experiências diversas, tornando-se um reflexo e, ao mesmo tempo, um agente de transformação social (Barreto, 2024).

Para Lobo Júnior e Mota (2021, p. 4):

> As ações promovidas pelos museus devem contribuir para a construção de uma consciência crítica sobre o processo de significação das memórias que compõem seus acervos, sejam eles materiais ou imateriais. Essa tarefa implica reconhecer que o patrimônio cultural não é neutro, mas carregado de códigos simbólicos que precisam ser apropriados, interpretados e ressignificados pelos diferentes públicos. Ao desvendar esses códigos, o museu amplia sua função comunicativa e educativa, permitindo que as narrativas ali presentes dialoguem com as vozes e as diversidades sociais que atravessam o território. Dessa forma, ele se torna um espaço de mediação cultural, em que as memórias expostas são constantemente revisitadas e atualizadas a partir das vivências de quem as contempla.

Essa perspectiva é relevante em cidades fronteiriças como Foz do Iguaçu, onde a multiplicidade cultural é parte do cotidiano. Para Barreto (2024), um museu que compreende a memória como viva e coletiva pode assumir um papel essencial na mediação dos encontros entre diferentes tradições, linguagens e identidades. Ele registra o que já aconteceu e, ao mesmo tempo, possibilita novos diálogos e aproximações, estimulando um olhar mais crítico e sensível sobre a própria cidade e sua história em constante movimento.

Nos últimos anos, tem-se reforçado a importância da apropriação ativa dos códigos culturais presentes nos acervos museológicos. A esse respeito, Reis (2021) destaca os chamados “museus de território” que se configuram como espaços de mobilização cultural e ambiental, nos quais o patrimônio é ressignificado por meio da participação das comunidades locais, promovendo uma narrativa mais plural e inclusiva. Nessas práticas, os museus deixam de ser meros espaços expositivos e se tornam atores ativos na construção e contestação de identidades culturais e em diferentes escalas, promovendo cidadania e pertencimento territorial.

No contexto específico dos museus da imigração, Delaplace (2022) destaca sua dimensão participação e comunitária, além de um ligar de memórias afetiva e político-cultural. Essa abordagem estimula uma leitura crítica dos objetos e documentos expostos, evidenciando o patrimônio imaterial (memórias, afetos e relatos), que é tão significativo quanto os bens materiais.

Nesse sentido Antonio Lieto *et al*. (2023) desenvolvem sistemas que categorizam narrativas dos visitantes por emoções, um processo que favorece a curadoria

Versão Final Homologada
26/08/2025 15:02

colaborativa e a ampliação de múltiplas perspectivas na interpretação de objetos museais. Essa abordagem de "*citizen curation*" fortalece o diálogo entre público e instituição, transformando o museu num espaço de co-construção de sentidos. Ao abrir espaço para as emoções e subjetividades dos visitantes, constitui-se um processo significativo de produção de memória e identidade coletiva.

Portanto, mais do que preservar objetos ou documentos, o museu deve possibilitar experiências de aprendizado que conectem o passado às questões do presente, promovendo reflexões sobre identidade, pertencimento e diversidade cultural. Ao valorizar as múltiplas vozes que compõem a sociedade, ele contribui para o resgate e a atualização de memórias coletivas, reafirmando seu papel como agente ativo na construção de significados e na formação de uma cidadania cultural crítica e participativa.

4.2 FOZ DO IGUAÇU E A DINÂMICA FRONTEIRIÇA: MIGRAÇÃO, CULTURA E COTIDIANO

Foz do Iguaçu é um território marcado pela circulação incessante de pessoas, mercadorias e culturas. Localizada na Tríplice Fronteira, ao lado de *Ciudad del Este* (Paraguai) e Puerto Iguazú (Argentina), é considerada uma das regiões mais dinâmicas da América do Sul. Essa dinâmica se expressa na mobilidade diária de trabalhadores, estudantes, turistas e comerciantes que atravessam as fronteiras por múltiplos motivos: estudo, trabalho, consumo ou vida familiar. Esse movimento constante faz da cidade um espaço de encontro e troca, onde identidades se cruzam e se transformam mutuamente (Albuquerque, 2024).

Segundo o 1º Relatório Yglota de Nacionalidades e Etnias do Região Trinacional do Iguaçu, a cidade conta com cerca de 1.503.848 habitantes, dos quais 60% têm como língua materna o espanhol, 40% o português, e 1% se declara indígena. Existem 95 nacionalidades representadas e 29 etnias reconhecidas. Cerca de 5% da população é formada por imigrantes (aproximadamente 14.574 pessoas), sendo os sete países mais presentes Paraguai, Venezuela, Argentina, Líbano, Colômbia, Peru e Haiti. Notadamente, Foz abriga a segunda maior comunidade árabe do Brasil, estimada em cerca de 15 mil integrantes. Esses números revelam uma pluralidade que ultrapassa a dimensão nacional e aponta para um cenário multicultural e multilíngue (Mendonça; Prezotto; Bart, 2023).

A presença de diferentes comunidades migrantes é visível em vários

Versão Final Homologada
26/08/2025 15:02

aspectos do cotidiano. A comunidade árabe, por exemplo, está profundamente enraizada no território, tanto pela expressiva presença populacional quanto por seus espaços simbólicos, como a Mesquita de Foz do Iguaçu. Esse lugar vai além da prática religiosa: ele representa convivência, reconhecimento cultural e um ponto de referência para toda a cidade. De forma semelhante, a comunidade asiática, ligada sobretudo ao comércio em *Ciudad del Este*, compõe o mosaico cultural local, trazendo consigo práticas, sabores e tradições próprias (Monção, 2024).

Essa diversidade se reflete também na gastronomia e nos espaços de sociabilidade. Restaurantes que servem *shawarma*, alfajores ou chipa paraguaia exemplificam como a cultura circula com os corpos, atravessando fronteiras e modificando paisagens urbanas e hábitos alimentares. Assim, a vida cotidiana em Foz do Iguaçu é permeada por essa multiplicidade, que se manifesta tanto nas pequenas práticas do dia a dia quanto em eventos culturais e festas populares (Prestes et al., 2024).

Outro elemento importante é a diversidade linguística. Embora o português seja o idioma oficial no lado brasileiro, o espanhol está presente, criando uma confluência linguística particular. Além disso, as migrações internacionais mais recentes trouxeram outras línguas para o convívio urbano, reforçando a ideia de que essa fronteira é mais que um limite geográfico; é um espaço de sobreposição de culturas, tradições e modos de vida. Essa realidade dinâmica é um desafio e, ao mesmo tempo, uma oportunidade para pensar como a cultura é produzida e ressignificada constantemente na cidade (Mendonça; Prezotto; Bart, 2023).

Essa realidade multicultural e multilíngue configura um ambiente desafiador e frutífero para pensar como a cultura é produzida e ressignificada diariamente. As fronteiras deixam de ser meras divisões geográficas e passam a ser entendidas como zonas de sobreposição, encontros e conflitos simbólicos. Nesse sentido, o entendimento sobre cultura passa de uma lógica de recepção passiva para uma visão de produção constante, em que trocas, negociações e hibridismos criativos produzem novos sentidos urbanos.

4.3 A UNILA COMO POLO DE MIGRAÇÃO EDUCACIONAL E TRANSFORMAÇÃO CULTURAL

No contexto da Tríplice Fronteira, a Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA) desempenha um papel singular como agente de transformação

Versão Final Homologada
26/08/2025 15:02

cultural e social. Criada em 2010 com o propósito de promover a integração acadêmica e cultural entre os países da América Latina, a instituição se consolidou como um polo de migração educacional. Seu Processo Seletivo Internacional, aliado a políticas de acesso específicas para indígenas e refugiados, atrai estudantes de diversas nacionalidades, ampliando a diversidade cultural da cidade. Essa migração, motivada pela busca do conhecimento, não é neutra: ela produz efeitos concretos no território, nas relações sociais e na forma como Foz do Iguaçu se enxerga (Prolo et al., 2020).

Atualmente, a UNILA oferece ensino bilíngue (português e espanhol) e possui 4.742 estudantes nacionais e 2.182 internacionais. Entre seus alunos, 282 pertencem a 28 etnias indígenas diferentes, o que reforça a pluralidade étnica e cultural da região trinacional. Desde sua criação, já formou 1.056 egressos de 38 nacionalidades diferentes, além da brasileira, posicionando-se como a instituição de ensino superior com maior taxa de estudantes internacionais com matrícula ativa no país. Esses números expressam o alcance de uma proposta pedagógica que ultrapassa a lógica tradicional da universidade brasileira, transformando a cidade num espaço intercultural vivo (Mendonça; Prezotto; Bart, 2023).

A presença desses estudantes estrangeiros modifica a paisagem cultural e linguística de Foz do Iguaçu. Nas ruas, é comum ouvir diferentes sotaques do espanhol, expressões em guarani e aimará, além de línguas africanas trazidas por estudantes refugiados. Essa pluralidade linguística se reflete nos espaços públicos, nos eventos acadêmicos e nas atividades culturais organizadas pela universidade, mas também aparece nas práticas cotidianas, como a formação de grupos de estudo multilíngues, saraus artísticos e feiras gastronômicas que apresentam comidas típicas de diferentes países (Mendonça; Prezotto; Bart, 2023).

Essa migração educacional amplia as redes de sociabilidade e insere novas dinâmicas de convivência (Ferreira; Lodetti; Borges, 2022). Muitos estudantes, ao se estabelecerem em Foz, participam de coletivos artísticos, grupos de teatro, cineclubes e movimentos culturais autônomos que acabam impactando o circuito cultural local. Iniciativas como festivais de cinema latino-americano, apresentações de música andina e exposições de artes visuais de estudantes estrangeiros tornam-se parte da agenda cultural da cidade, criando pontos de contato entre a população local e as expressões culturais vindas de fora (Mendonça; Prezotto; Bart 2023). Esse movimento provoca encontros e ressignifica a noção de pertencimento tanto para quem chega quanto para quem já vive na cidade.

Versão Final Homologada
26/08/2025 15:02

Entretanto, essa efervescência cultural também expõe desafios estruturais. Foz do Iguaçu, apesar de ser um território multicultural, ainda enfrenta carência de espaços públicos adequados para a circulação e valorização dessas produções artísticas. Como aponta Soares (2023), o crescimento das iniciativas independentes precisa ser acompanhado por políticas públicas consistentes que garantam a permanência e o fortalecimento dos agentes culturais locais. Sem equipamentos públicos estruturados e investimentos contínuos, muitas iniciativas acabam sendo pontuais, sem gerar impactos duradouros na cena cultural da cidade.

Nesse sentido, a educação intercultural promovida pela UNILA é mais do que a transmissão de conhecimento acadêmico: é também um processo de produção de memórias, identidades coletivas e diálogos entre diferentes tradições (Prolo et al., 2020; Stephat, 2023). O museu, nesse contexto, torna-se um espaço estratégico para acolher essas narrativas, articulando-se com as experiências da universidade e potencializando sua visibilidade. Ao registrar e difundir as expressões artísticas e culturais que emergem desse ambiente plural, o museu passa a atuar como um espaço de escuta, documentação e valorização da diversidade que caracteriza Foz do Iguaçu.

É importante reconhecer que o fluxo migratório associado à educação transforma a cidade e projeta novos desafios de convivência, integração e reconhecimento cultural. Cabe às instituições, como a UNILA e os museus locais, atuarem em sinergia para garantir que essa diversidade se traduza em oportunidades de diálogo e construção coletiva. Assim, Foz do Iguaçu pode consolidar-se como um ponto estratégico da Tríplice Fronteira e, ao mesmo tempo, como um laboratório vivo de convivência intercultural e produção de novas formas de cidadania.

4.4 PRODUÇÃO CULTURAL E DESAFIOS NA CIDADE

Foz do Iguaçu possui um circuito cultural que, embora não seja amplamente reconhecido em escala nacional, tem mostrado vitalidade e crescimento nos últimos anos (De Oliveira, 2017). Iniciativas de grupos independentes, produtoras e agentes culturais autônomos têm promovido projetos que vão desde exibições cinematográficas e apresentações teatrais até feiras literárias e mostras de arte popular (Mendonça; Prezotto; Bart, 2023). Muitos desses eventos são viabilizados por recursos de editais municipais, como o Fundo Municipal de Cultura, ou por políticas emergenciais, como a Lei Paulo Gustavo, que, ainda que limitadas, possibilitam a realização de projetos

Versão Final Homologada
26/08/2025 15:02

em pequena e média escala.

Essas iniciativas têm o mérito de diversificar a cena cultural local e de aproximar novos públicos das atividades artísticas. Projetos como o *Foz Fazendo Arte* demonstram o potencial transformador da arte no cotidiano da cidade, criando espaços de encontro e diálogo que vão além das fronteiras formais (Santos, 2022). Ao mesmo tempo, fica evidente que ainda há uma carência significativa de espaços públicos culturais adequados, capazes de acolher produções de maior porte e garantir a continuidade de projetos culturais de forma estruturada.

Para Kauark e Almeida (2021), a limitação física e institucional revela a necessidade de políticas públicas mais robustas, que incentivem a criação cultural e garantam as condições materiais para que ela floresça de maneira sustentável. Assim sendo, um museu inserido nesse contexto pode assumir um papel relevante, visto que além de guardar memórias, ele pode ser um espaço vivo de produção, articulando exposições, encontros e atividades que dialoguem com essa cena cultural em expansão.

Mais do que um espaço de conservação, o museu pode atuar como mediador entre as múltiplas expressões culturais que coexistem em Foz do Iguaçu, potencializando o intercâmbio entre artistas locais, comunidades migrantes e agentes culturais da região. Ao acolher tanto o aprendizado quanto a fruição artística, ele reforça a ideia de que o acervo não é apenas uma coleção do passado, mas um campo em permanente produção, que acompanha as transformações sociais, culturais e urbanas da cidade.

A criação de um Museu da Migração em Foz do Iguaçu seria fundamental para registrar, preservar e narrar as histórias de deslocamento que moldam a identidade local. Como observa Soares (2023), museus de território cumprem a função de dar visibilidade a memórias que, muitas vezes, são marginalizadas pelas narrativas oficiais.[2] No caso da Tríplice Fronteira, um espaço dedicado à migração poderia reunir relatos orais, objetos simbólicos e registros audiovisuais de comunidades árabes, paraguaias, argentinas, haitianas e de tantas outras nacionalidades presentes na cidade, permitindo que suas trajetórias fossem reconhecidas como parte essencial da história local.

Além de documentar o passado, um museu dessa natureza poderia funcionar como um espaço de mediação cultural, conectando diferentes gerações e

[2] Porão da Memória: o projeto é uma parceria da UNILA com a Fundação Cultural e o Conselho Municipal do Patrimônio Cultural (Cepac), e tem como objetivo valorizar o patrimônio cultural e a memória municipal, além de promover ações de educação patrimonial no centro histórico da cidade. UNILA, Visita ao Porão da Memória. 18 jul. 2025. Disponível em: https://portal.unila.edu.br/informes/visita-ao-porao-da-memoria. Acesso em: 26 jul. 2025.

Versão Final Homologada
26/08/2025 15:02

grupos étnicos. Segundo Barreto (2024), a valorização das histórias de vida e das experiências migratórias em museus contribui para reduzir estereótipos e fortalecer o sentimento de pertencimento. Em Foz, onde os fluxos migratórios são dinâmicos e cotidianos, o museu poderia ser um ponto de encontro para debates, oficinas e atividades que estimulem a convivência intercultural, articulando-se com escolas, universidades e coletivos artísticos.

Outro aspecto importante seria o potencial educativo e turístico do Museu da Migração. De acordo com Reis (2021), iniciativas museais que abordam a mobilidade humana ampliam a compreensão do público sobre processos históricos e contemporâneos de deslocamento. Em uma cidade visitada por milhares de turistas anualmente, o museu poderia se integrar ao circuito cultural e turístico, mostrando que Foz é mais do que um destino natural é um território multicultural e plural. Isso agregaria valor ao turismo cultural e criaria novas oportunidades econômicas para a região.

O museu também poderia atuar como laboratório de memória viva, estimulando a participação ativa das comunidades migrantes em sua construção e manutenção. Cunha et al. (2025) destacam que o uso de tecnologias como realidade virtual e *storytelling* digital permite que museus transformem seus acervos em experiências imersivas, nas quais o público se conecta de forma sensível às narrativas apresentadas. Dessa forma, o Museu da Migração poderia criar exposições interativas, nas quais os visitantes vivenciassem histórias reais de quem cruzou fronteiras em busca de novas oportunidades.

Por fim, a implementação de um espaço como esse contribuiria para a formação de uma cidadania cultural crítica, que reconhece a migração como parte constitutiva da identidade urbana. Como afirmam Lobo Júnior e Mota (2021), museus que trabalham com memórias plurais favorecem processos de educação patrimonial que preservam objetos e ressignificam lugares e práticas. Em Foz do Iguaçu, o Museu da Migração teria o potencial de se tornar um símbolo de diálogo e acolhimento, refletindo a realidade dinâmica da fronteira e consolidando-se como um marco cultural da cidade.

Versão Final Homologada
26/08/2025 15:02

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou analisar a relação entre migração, memória e produção cultural em Foz do Iguaçu, destacando como a cidade se configura como um território dinâmico, marcado pela diversidade étnica, linguística e cultural. Ao longo dos capítulos, foi possível compreender que Foz é muito mais do que um ponto turístico internacional; trata-se de um espaço de encontros, tensões e ressignificações constantes, que encontram no museu um lugar estratégico para narrar e preservar essas múltiplas histórias.

De início foi aprofundada a história de Foz do Iguaçu, desde a origem do nome e os primeiros registros, passando pelas expedições europeias do século XVI, a fase da Colônia Militar, a criação do Parque Nacional e a emancipação política da cidade. Também foi analisado o desenvolvimento moderno da Tríplice Fronteira e os grandes ciclos migratórios, tanto internos quanto internacionais, que moldaram a configuração populacional e cultural do município. Essa trajetória histórica permitiu entender que a migração é um elemento estrutural que acompanha a evolução da cidade, e não é um fenômeno recente.

Em seguida, foi discutida a memória como elemento central para os museus. Partindo do conceito de memória viva, compreendeu-se que o museu vai além de um repositório estático, sendo um espaço de produção, diálogo e mediação cultural. Foram abordados os museus de migração como experiências que valorizam narrativas plurais, e refletiu-se sobre Foz do Iguaçu como um território de memórias migrantes, no qual múltiplas identidades se cruzam e se reconhecem.

Finalmente, iscutiu-se o museu como espaço dinâmico de memória viva, alinhado às transformações socioculturais da cidade. Foi analisada a dinâmica fronteiriça, onde a migração, a cultura e o cotidiano estão interligados, e destacou-se o papel da UNILA como polo de migração educacional, responsável por ampliar a diversidade linguística e cultural de Foz. E refletiu-se sobre a produção cultural local e seus desafios, apontando para a necessidade de políticas públicas mais robustas e para a importância de um Museu da Migração que articule memórias, narrativas e práticas culturais na cidade.

Com base nessas análises, é possível afirmar que Foz do Iguaçu apresenta um potencial singular para abrigar um espaço museal dedicado à migração, capaz de preservar e dar visibilidade às histórias de deslocamento que marcam a

Versão Final Homologada
26/08/2025 15:02

identidade local. Um museu com essa proposta registraria o passado e dialogaria com o presente, fortalecendo a convivência intercultural e estimulando a cidadania cultural crítica. Dessa forma, o museu se consolidaria como mediador de memórias, experiências e transformações sociais, contribuindo para a valorização do patrimônio imaterial e para a construção de novos pertencimentos.

Assim, conclui-se que a migração, longe de ser apenas um movimento populacional, é um processo que reconfigura identidades, práticas urbanas e produções culturais. Ao reconhecer essa complexidade, Foz do Iguaçu pode se afirmar como um território de diálogo e memória viva, onde o museu atua como guardião e agente ativo de transformação social e cultural.

Versão Final Homologada
26/08/2025 15:02

REFERÊNCIAS

ALBACH, Valéria de Meira; DE CARVALHO, Kemmely Guedes; CARDOZO, Jasmine. Reputação Online do Patrimônio Natural: o Parque Nacional do Iguaçu (PR) no Website Tripadvisor. **Anais Brasileiros de Estudos Turísticos**, 2022.

ALBUQUERQUE, Carolina de Moraes. **Uma arqueología de Foz do Iguaçu: Itaipu, Ditadura e Formação Urbana.** 2024. 70 f. Dissertação (Integração Contemporânea da América Latina) – Universidade Federal da Integração Latino Americana, Foz do Iguaçu, Paraná, Brasil, 2024. Disponível em: https://dspace.unila.edu.br/server/api/core/bitstreams/f1fef8b5-3691-4841-9607-94d30a4d4204/content. Acesso em: 10 jul. 2025.

ANGELO, Elis Regina Barbosa. DOS MIGRANTES AOS TERRITÓRIOS NO RIO DE JANEIRO: Acervos da Literatura de Cordel e seu Processo de Conservação Virtual. **História e Cultura**, v. 13, n. 1, 2024.

AZOULAY, Ariella Aisha. **História potencial: desaprender o imperialismo**. Ubu Editora, 2024.

BALAGUER, Otávio. Práticas colaborativas de curadoria e gestão de acervos no Museu da Imigração: uma reflexão sobre sociomuseologia e universidade. **Cadernos de Sociomuseologia**, v. 66, n. 22, p. 5-16, 2023.

BARBATHO, Renata Regina Gouvêa. O arquivo nacional na gestão de Eugênio Vilhena de Moraes, 1938-1945. **ACERVO – Revista dos Arquivos Nacionais**, v. 34, n. 1, 2021.

BARRETO, Isabella Salviano. **Projeto Memória Viva.** 2024. 132 f. Dissertação (mestrado em Arte e Patrimônio) – Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, Portugal, 2024. Disponível em: https://eg-fr.uc.pt/retrieve/277329/IsabellaBarretto_versaofinal.pdf. Acesso em: 10 jul. 2025.

BENITES, Nathalia Viana. **Fronteira em perspectiva: uma análise teórica das relações transfronteiriças entre Foz do Iguaçu e Ciudad Del Este.** 2025. 124 p. Dissertação (Relações Internacionais) – Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, Paraná, Brasil, 2025. Disponível em: https://dspace.unila.edu.br/server/api/core/bitstreams/99dd265f-ae67-4edd-97ee-13c31f872615/content. Acesso em: 30 mai. 2025.

BITTENCOURT, J. N. Gabinetes de curiosidades e museus: sobre tradição e rompimento. *In:* **Anaias do Museu Histórico Nacional**, v. 28, p. 8-19, 1996.

BRÜGGEMANN, Adelson André. **A Sentinela Isolada: O Cotidiano da Colônia Militar de Santa Teresa (1854-1883)**. Curitiba: Editora Appris, 2025.

CARARO, João Pedro Fritsch. Geopolítica do Trabalho: panorama da precarização do trabalho em Foz do Iguaçu. **Revista Espirales**, v. 4, n. 2, p. 13-26, 2020.

CARVALHO, Élcio Aparecido. 100 anos de Foz do Iguaçu: a importância da cidade para o

Versão Final Homologada
26/08/2025 15:02

Mercosul. **Revista Orbis Latina-ISSN: 2237-6976**, v. 5, n. 1, 2015.

CUNHA, Luciana de Alameida; GUARALDO, Franceli; PERAZZO, Priscila Ferreira. Patrimônio e memória de interesse público em tempos de pandemia: um estudo sobre a comunicação de memórias e histórias da covid-19 em narrativas digitais. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde**, v. 17, n. 2, p. 260-278, 2023.

DA CRUZ, Antonio Donizeti. Ecopoesia, imaginário e memória: águas/presença. **Revista Guará-Revista de Linguagem e Literatura**, v. 14, n. 2, p. 122-132, 2024.

DA SILVA, Micael Alvino. **Breve História de Foz do Iguaçu.** Foz do Iguaçu: Epígrafe, 2014.

DE MARTINS, Lavínia Raquel Martins. Comunicação através da Contação de História: Leituras e Releituras da Lenda das Cataratas. **Revista Pleiade**, v. 17, n. 40, p. 80-90, 2023.

DE OLIVEIRA, Daiane Glaucia. As Atividades Culturais Artísticas como Símbolos de Representação da Tríplice Fronteira, um Recurso do Turismo na Cidade de Foz do Iguaçu. **RELACult-Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade**, v. 3, 2017.

DELAPLACE, Andrea. Musées de l'immigration: nouvelles museógraphies, anciens paradigmes. **Anais do Museu Paulista**, v. 30, p. 1-54, 2022.

DOS SANTOS, Daniel Filipe Freire. **Educação Museal e o Envolvimento Social: Caminhos Trilhados, Desafios à Vista e o Caso do Museokupa**. 2021. 24 f. Dissertação (Mestrado em Museologia e Museografia) - Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal, 2021.

ESCAFRÉ-DUBLET, Angéline. La bande-son des migrations. Retour sur l'exposition Paris-Londres: Music Migrations (1962-1989) au Musée national de l'histoire de l'immigration. **Revue d'histoire culturelle. XVIIIe-XXIe siècles**, n. 2, 2021.

ESTEPHAT, Stephanas. **Internacionalização da Educação Superior no Brasil no Marco do Projeto de Integração da UNILA: O Caso dos Estudantes Haitianos (2015-2019).** 2023. 81 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Relações Internacionais e Integração) – Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, Paraná, Brasil, 2023. Disponível em: https://dspace.unila.edu.br/server/api/core/bitstreams/3ee26ff0-8662-4fc8-833d-aa46fb70a81f/content. Acesso em: 10 jul. 2025.

FERREIRA, Otávio Dias de Souza. Equipamentos de memórias para democracia no território urbano: Buenos Aires e São Paulo em 2024. **Práticas Educativas, Memórias e Oralidades-Rev. Pemo**, v. 6, p. e13153-e13153, 2024.

FERREIRA, Alisson Vinícius Silva; LODETTI, Mariá Boeira; BORGES, Lucienne Martins. Recomeço: O sofrimento psíquico na imigração involuntária e a política de inclusão nas universidades brasileiras. **REMHU: Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana**, v.

Versão Final Homologada
26/08/2025 15:02

29, p. 141-158, 2022.

FURTADO, Osvaldo Vaz; MARCHI, Jamur Johnas. Governança de sistemas de inovação transfronteiriços: um estudo de caso sobre o novo arranjo de pesquisa e inovação da região de tríplice fronteira (Foz do Iguaçu, Ciudad del Este e Puerto Iguazú). **Interações (Campo Grande)**, v. 24, n. 3, p. 799-816, 2023.

GABARDO JUNIOR, Alcione. **Museus de fato sustentabilidade de fato.** 2023. 209 f. Tese (Doutorado em Tecnologia e Sociedade) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná – Curitiba, Paraná, Brasil, 2023.

GRECO, Patrícia Danza. Museu, memória e geodiversidade: o planeta em cena. **Universidade e lugares de memória II**, p. 131, 2009.

GUEDES, Hardy. **Naipi e Tarobá: a lenda das Cataratas do Iguaçu.** Curitiba: Autores Parenaenses, 2021.

JALIL, Samira Abdel. Um retrato da migração de falantes de árabe para Foz do Iguaçu: história e integração à sociedade local. **Revista Territórios E Fronteiras**, v. 13, n. 2, p. 49-68, 2021.

JELIN, Elizabeth. **¿De qué hablamos cuando hablamos de memorias?** In: JELIN, Elizabeth. Los trabajos de la memoria. Madrid: Siglo Veintiuno Editores, 2001. Cap. 2.

JUNIOR, Renato Carneiro. Museu como potência educativa: a exposição “Imigração no Paraná” no Museu Paranaense. **POPULAÇÃO E SOCIEDADE| 36**, p. 50, 2021.

KAUARK, Giuliana; ALMEIDA, Juliana Silva. Políticas de fomento à cultura como instrumento de promoção da cidadania e dos direitos culturais. **Revista Extraprensa**, v. 14, n. 2, p. 247-263, 2021.

LEITE, Vanessa Mendonça; COSTA, Julianna Carolina Oliveira. Patrimônio da Imigração: O Museu da Imigração da Ilha das Flores. **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, v. 81, p. 60-86, 2024.

LIETO, Manuel Striani Antonio et al. **A sensimaking system for grouping and suggesting stories from multiple affective viewpoints in museums**. 2023. Disponível em: https://arxiv.org/abs/2304.14117. Acesso em: 10 jul. 2025.

LOBO JÚNIOR, Luciano Mesquita; MOTA, Marlton Fontes. Educomunicação para o diálogo de autonomia na mediação das práticas educativas e ações museológicas. **SIMEDUC**, p. 1-14, 2021.

MARGOTTI, Felício Wessling; ROMANO, Valter Pereira. Estudos Dialetológicos e Geolinguísticos no Sul do Brasil. VANDRESEN, P.; MARTINS, MAR, MONGUILHOTT, I. de O. e S.(Orgs.). **Variação e Mudança Linguística no Português Falado e Escrito na Região Sul e Outros Temas: Uma homenagem a Izete Lehmkuhl Coelho**. São Paulo: Blucher, p. 105-136, 2021.

MARTINS, Lavínia Raquel Martins de; RUSCHMANN, Doris van Meene. Desenvolvimento

Versão Final Homologada
26/08/2025 15:02

histórico turístico estudo de caso: Foz do Iguaçu – PR. **Semitur**, p. 1-16, 2010.

MASCARENHAS, Milena. **História da Ponte Internacional da Amizade: representações de um espaço binacional**. São Paulo: Paco e Littera, 2022.

MOLINA, Ana Heloisa; LUZ, José Augusto Ramos da. **Museus e lugares de memória.** 1. ed. Jundiaí: Paco, 2018.

MONÇÃO, Vinicius de Moraes. O legado e o impacto da museologia latino-americana e caribenha. **ICOFOM Study Series**, 2024.

NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, n. 10, p. 7-28, 1993.

OLIVEIRA, Marcos de Jesus; SENA, José; ALVES, Michele Lopes da Silva. (Orgs.). Corpo, Migração, Comunidades: cartografias, vivências, memórias e economia. **Diáspora Africana**, v. 1, n. 1, 2024.

POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio.** Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

POMIAN, Krzysztof. **Das Relíquias Sagradas à Arte Moderna: Veneza-Chicago, século XIII-XX.** Paris: Gallimard, 2003.

PRESTES, Andressa de Abreu et al. Turismo gastronômico em Foz do Iguaçu: reflexões e possibilidades. **Revista de Ciência de Alimentos e Gastronomia**, v. 2, n. 2, 2024.

PRIORI, Angelo; POMARI, Luciana Regina; AMÂNCIO, Silvia Maria; IPÓLITO, Veronica Karina. **História do Paraná: séculos XIX e XX**. Maringá: Eduem, 2012.

PROLO, Ivor et al. The role of University in the Integration of International Border Territories: The Case of the Universidade Federal da Integração Latino-Americana (Unila). **Connection Scientific Journal**, v. 3, n. 1, p. 1-12, 2020.

REIS, Gabrielle Alves. Os museus de território enquanto estratégia de mobilização do patrimônio ambiental e cultural. **Rev. CPC**, v. 16, n. 31, p. 69-94, 2021.

RITT, Evandro. A colônia militar de Foz do Iguaçu - PR: um projeto de consolidação de uma fronteira: 1880 - 1920. **Portal eduCapes**, 2020.

RÚSSIO, W. A interdisciplinaridade em Museologia. *In:* BRUNO, M.C.O. **Waldisa Rússio Camargo Guarnieri: textos e contextos de uma trajetória profissional**. São Paulo: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, 2006.

SANABRIA, Isabela Soraia Backx. A exposição Memória das Cataratas e a produção de memórias no Parque Nacional do Iguaçu. **Revista Mosaico**, v. 15, n. 23, 2023.

SANTOS, Pedro Augusto Vieira. Fronteira/fonte/foz: restauro da arte contemporânea no espaço público. **Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material**, v. 30, p. e35, 2022.

Versão Final Homologada
26/08/2025 15:02

SILVA, Manuella Sampaio. **Memórias do exílio na fronteira: trajetória e resistência de exilados paraguaios em Foz do Iguaçu.** 2021. 227 f. Dissertação (Integração Latino-Americana) – Universidade federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, Paraná, Brasil, 2021. Disponível em: https://dspace.unila.edu.br/bitstreams/6756083c-c8a4-4d3c-a470-20ea6ad21207/download. Acesso em: 30 mai. 2025.

SOARES, Bruno Bruloon. **Redefinir a partilha: o museu, entre o local e o global**. 2023. Disponível em: https://www.icom.org.br/wp-content/uploads/2024/04/ICOMBR_MultiplosOlhares_FINAL.pdf. Acesso em: 10 jul. 2025.

SOARES, Francisco das Chagas Moraes; MASSÁFERA, Gisele. Fronteira: uma análise sobre a Colônia Militar de Foz do Iguaçu do período de 1888 a 1912. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**, v. 5, n. 8, p. 98-121, 2020.

SPOLON, Ana Paula Garcia. Seminário Internacional Museu, Migrações e Identidades. **Rosa dos Ventos**, v. 7, n. 1, p. 168-172, 2015.

STEFFEN, Nayra Caroline; DIAS, Edson dos Santos. Processo de Implantação da Usina Hidrelétrica de Itaipu Binacional e suas Consequências Socioambientais no Espaço de Fronteira Brasil-Paraguai. **Revista Verde Grande: Geografia e Interdisciplinaridade**, v. 6, n. 01, p. 482-511, 2024.

TAVARES, Antonio Jissone; MADRUGA, Eversson Cadaval. O impacto da construção da nova ponte entre Brasil e Paraguai, em Foz do Iguaçu, no processo de integração regional na saúde pública. **Revista (RE) DEFINIÇÕES DAS FRONTEIRAS**, v. 1, n. 1, p. 51-74, 2023.

TEIXEIRA, Sidelia. Nova Museologia: aspectos históricos e características. **Revista Cadernos do Ceom**, v. 35, n. 56, p. 87-97, 2022.

VIEIRA, Guilherme Lopes. O museu como lugar de memória: o conceito em uma perspectiva histórica. **Mosaico**, v. 8, n. 12, p. 140-162, 2017.

Versão Final Homologada
26/08/2025 15:02